



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/04/2020 a 16/04/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/04/2020	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
13/04/2020	8,54	288,60	26,90	5,55	3,31
14/04/2020	8,47	287,50	26,74	5,48	3,26
15/04/2020	8,42	292,20	26,55	5,40	3,19
16/04/2020	8,36	291,80	26,30	5,29	3,19
Média	8,45	290,02	26,62	5,43	3,24

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	97,50	ND
RS - Santa Rosa	97,00	ND
RS - Ijuí	97,00	ND
PR - Cascavel	93,50	ND
MT - Rondonópolis	90,00	ND
MS - Ponta Porã	86,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	89,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	87,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	159,00	ND
Paraguai (FOB)**	125,00	ND
Paraguai (CIF)**	172,50	ND
RS - Erechim	50,00	ND
SC - Chapecó	48,50	ND
PR - Cascavel	47,00	ND
PR - Maringá	48,00	ND
MT - Rondonópolis	44,00	ND
MS - Dourados	42,00	ND
SP - Mogiana	53,00	ND
SP - Campinas (CIF)	55,00	ND
GO - Goiânia	48,00	ND
MG - Uberlândia	48,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	1.000,00	ND
RS - Santa Rosa	1.000,00	ND
PR - Maringá	1.200,00	ND
PR - Cascavel	1.150,00	ND

Período: 15/04/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/04/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	45,21	90,58	46,03

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 16/04/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	52,22
Feijão (saco 60 Kg)	167,50
Sorgo (saco 60 Kg)	35,60
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,83
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,30**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,56

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta semana as cotações da soja recuaram, fechando a quinta-feira (16) em US\$ 8,36/bushel, contra US\$ 8,63 uma semana antes.

Diante de um relatório de oferta e demanda que pode ser considerado misto para os preços da soja, o mercado acabou se inclinando às pressões negativas procedentes dos impactos do coronavírus Covid-19 sobre a economia mundial. Neste contexto, pesou o anúncio de fechamento de frigoríficos nos EUA, aumentando o temor de que o consumo de farelo de soja e de milho, por tabela, venha a diminuir de forma sensível naquele país. Além disso, o óleo de palma viu seu preço recuar 3% no mercado internacional, atingindo seu concorrente direto que é o óleo de soja. Com o forte recuo nos dois subprodutos (o farelo chegou a bater em US\$ 287,50/tonelada curta durante a semana, perdendo 13,8% de seu valor naquela Bolsa entre os dias 23/03 e 14/04, enquanto o óleo voltou a recuar para a casa dos 26,50 centavos de dólar por libra-peso) o bushel da soja cedeu um pouco mais.

Vale lembrar que as indústrias de etanol enfrentam problemas igualmente nos EUA, comprometendo o consumo do milho e forçando quedas expressivas nos preços deste cereal. Com isso, o mercado já cogita a possibilidade de os produtores transferirem área de milho para a soja no atual plantio. Ora, a soja já tem um indicativo de aumento de 10% na área. Se ainda houver mais área semeada com a oleaginosa será difícil segurar o tombo nas cotações, especialmente em um contexto de pandemia ainda sem controle adequado.

Por outro lado, as inspeções de exportação estadunidenses de soja somaram a 442.024 toneladas na semana encerrada em 09/04, ficando um pouco acima do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial 2019/20 o volume atinge a 32,3 milhões de toneladas, contra 30,6 milhões no ano anterior nesta época.

Já o FMI reduziu ainda mais o crescimento chinês para este ano, indicando que o PIB do país asiático não será mais de 3% mas sim de apenas 1,2% em 2020, após expectativa no início do ano de 6%.

Enfim, a Associação Norte-Americana dos Processadores de Óleos Vegetais (NOPA) apontou que o processamento de soja nos Estados Unidos, em março, ficou em 4,9 milhões de toneladas, superando as expectativas do mercado e o volume de fevereiro, que havia sido de 4,5 milhões de toneladas. Segundo a Associação os estoques de óleo de soja em março ficaram 8,3% abaixo do esperado pelo mercado e 1,2% abaixo do volume registrado em fevereiro. Enquanto isso, as exportações de farelo de soja por parte dos EUA chegaram a 973.741 toneladas em março, superando em 28% o volume exportado em fevereiro. Duas informações, em princípio, altistas para o mercado da soja, mas que, por enquanto, pouco efeito fizeram sobre as mesmas.

Em paralelo, na Argentina a produção da atual safra de soja está estimada em 52 milhões de toneladas (a colheita apenas se inicia por lá). Deste total, 41,6 milhões deverão ser trituradas e 8 milhões de toneladas exportadas. A trituração deverá render 32 milhões de toneladas de farelo, sendo que 29 milhões serão exportadas (a Argentina é o maior exportador mundial de farelo de soja); e 8,1 milhões de toneladas de óleo, sendo 5,5 milhões exportadas neste ano comercial 2020/21.

Aqui no Brasil, com o câmbio oscilando entre R\$ 5,10 e R\$ 5,25 por dólar, os preços da soja recuaram um pouco diante da queda em Chicago e de prêmios estáveis (os mesmos fecharam a atual semana entre US\$ 0,46 e US\$ 0,75/bushel). Com isso, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 90,58/saco, enquanto os lotes permaneceram entre R\$ 97,00 e R\$ 97,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 94,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 93,50 no oeste paranaense; R\$ 83,50 em Sinop (MT); R\$ 87,00 em Goiatuba (GO); R\$ 81,00 em São Gabriel (MS); R\$ 87,00 em Uruçuí (PI); R\$ 85,00 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 98,50/saco em Campos Novos (SC).

A comercialização da atual safra, em 09/04, havia alcançado 74% do total a ser colhido, contra 51% na média histórica para esta época do ano, demonstrando que os produtores, diante dos elevados preços, estão aproveitando a oportunidade. No Rio Grande do Sul, Estado geralmente conservador nesta prática, a comercialização já atingiu a 66% do volume a ser colhido, contra 33% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Esta realidade se reflete igualmente nas vendas da futura safra 2020/21. As mesmas, de forma antecipada, atingiam, em 09/04, a 21% do total esperado no Brasil, sendo 8% no Rio Grande do Sul; 21% no Paraná; 27% no Mato Grosso e 22% em Goiás. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a colheita da atual safra de soja, até o dia 09/04, chegava a 88% da área nacional, contra 85% na média histórica, sendo que o Rio Grande do Sul havia colhido 74%, contra 57% na média; 98% no Paraná, contra 96% na média; 96% em Goiás, contra 98% na média; e já estando concluída no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. (Cf. Safras & Mercado)

Vale destacar que a safra gaúcha efetivamente está com quebra em torno de 50% (regiões como o Noroeste, em 44 municípios produtores, registram perdas entre 60% e 80% segundo a Emater). Ora, se a expectativa inicial era de uma safra ao redor de 19,5 milhões no Estado gaúcho, a metade disso será 9,75 milhões de toneladas. Esse volume, por melhor que tenha sido a colheita nos demais Estados, deve trazer a safra brasileira de soja atual para algo entre 115 e 117 milhões de toneladas em relação as 125 milhões projetadas inicialmente.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago voltaram a recuar, atingindo a US\$ 3,19/bushel, para o primeiro mês cotado, no dia 16/04, contra US\$ 3,31 uma semana antes. O valor desta quinta-feira (16) é o mais baixo em muitos anos.

A semana iniciou sob influência negativa do corte na demanda de etanol de milho nos EUA, em função da pandemia da Covid-19. Somou-se a isso a redução na produção da indústria alimentícia, mesmo com o segmento de ração mostrando boa performance. O problema é que, diante da enorme safra projetada para o final deste ano, os EUA terão que acelerar as exportações se quiserem melhorar seus preços internos. Caso contrário os estoques aumentarão consideravelmente e as cotações poderão baixar ainda mais no final do ano. Além disso, não há perspectiva de curto prazo para a

retomada da economia dos EUA, diante dos estragos da pandemia. A maior incógnita, além desta, passa a ser o clima naquele país a partir de agora sobre as lavouras de verão.

Por enquanto, o mercado mundial está com pouca força para reagir, especialmente se a quarentena nos EUA e na Europa se prolongar. Além disso, durante a semana frigoríficos estadunidenses começaram a parar suas operações diante da forte queda na demanda de seus produtos, devido a pandemia, fato que eleva os estoques de ração e vai impedir uma melhoria no consumo de milho logo mais. Neste sentido, mesmo com exportações de carnes dentro do normal, já começa a ocorrer redução nos preços internos do suíno, frango e boi, fato que freia o entusiasmo dos criadores.

Pelo lado das exportações estadunidenses, as mesmas chegaram a um milhão de toneladas na semana anterior, porém, não empolgaram o mercado. Ao mesmo tempo, as safras brasileira e argentina estão no mercado, aumentando a concorrência externa em relação ao milho dos EUA. Esta situação levou os prêmios nos portos de embarque estadunidenses a recuarem bastante, já sofrendo o efeito da concorrência internacional.

Quanto ao clima, o mesmo começa a favorecer o plantio (3% da área, especialmente no Texas, já teria sido semeada), fato que permite esperar que o mesmo ocorra normalmente dentro da janela ideal, a partir do final de abril. Por enquanto, não há nenhum indicativo de que os produtores estadunidenses possam reverter sua intenção de plantio. Neste sentido, será preciso esperar o dia 30/06 quando sairá o relatório definitivo de plantio nos EUA. (cf. Safras & Mercado)

Dito isso, notícia de que a China colocará em quarentena a tripulação de navios procedentes dos EUA deixou o mercado preocupado, sendo este mais um elemento negativo aos preços durante a semana.

Neste contexto, a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 159,00 na Argentina e em US\$ 125,00 no Paraguai.

Já no Brasil, os preços continuaram estáveis, porém, apontando um viés de baixa, especialmente se a safrinha não sofrer mais percalços climáticos e o Real voltar a se valorizar um pouco. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 45,21/saco, enquanto os lotes recuaram para algo entre R\$ 49,00 e R\$ 50,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 38,00 em Sinop (MT) e R\$ 53,00/saco na Mogiana paulista, passando por R\$ 51,00 em Itanhandu (MG) e R\$ 49,00/saco em Concórdia (SC).

Pontualmente, na BM&F continua a disputa entre o mercado bursátil e o físico, pois o diferencial de preço para maio continua grande. Enquanto o mercado físico cota o milho no CIF Campinas a R\$ 55,00/saco, a Bolsa trabalha com R\$ 47,00. Para Campinas chegar aos níveis da Bolsa, a região produtora da Sorocabana paulista terá que cotar o milho a R\$ 42,00/R\$ 43,00 enquanto o balcão recuar para R\$ 40,00/saco. O mercado considera difícil isso acontecer em 30 dias, quando entra na primeira posição da Bolsa o mês de maio. (cf. Safras & Mercado) Todavia, em o clima melhorando e o Real se valorizando um pouco, tal realidade pode ocorrer.

Por sua vez, a safra de milho 2020 no Paraguai será a maior da história daquele país, atingindo a 3,5 milhões de toneladas. Deste total, o vizinho país terá 1,5 milhão de toneladas para exportar. Já a produção argentina será um pouco menor do que o esperado em 2019/20, devendo atingir a 48 milhões de toneladas (esperava-se 50 milhões), sendo que deste volume a Argentina deverá exportar 34 milhões de toneladas. Se realizado, este volume assim mesmo será o maior da história da exportação de milho do vizinho país. E no Brasil, as exportações devem recuar para volumes entre 25 e 30 milhões de toneladas em 2020, após o recorde de 42 milhões de toneladas registrado em 2019. O recuo se deve a quebras na produção da safra de verão, aos baixos estoques existentes na atualidade, em relação ao ano anterior; a possíveis perdas na safrinha, pelo atraso no plantio; e a uma demanda interna ainda consistente, embora a crise do coronavírus deva mudar este cenário até o final do ano.

Dito isso, a colheita de milho no Centro-Sul brasileiro, relativa a safra de verão 2019/20, atingia a 72% da área até o dia 09/04, contra 71% na média histórica e 69% realizado no ano anterior nesta época. Rio Grande do Sul e Santa Catarina já estavam com pouco mais de 90% de suas áreas colhidas, enquanto Minas Gerais atingia apenas 33% e Goiás/DF 32%, estando largamente atrasados em relação a média histórica. Aliás, apenas os três Estados do Sul do país estão na média ou acima dela em termos de colheita da safra de verão de milho. (cf. Safras & Mercado)

Já o plantio da safrinha está encerrado, com 12,46 milhões de hectares no Centro-Sul do Brasil. Esta área representa um aumento de 1,6% sobre a área da safrinha no ano anterior.

Vale ainda destacar que estimativas iniciais dão conta de uma safra total de milho no Brasil, em 2020, de 105,7 milhões de toneladas, contra 107,4 milhões no ano anterior. Neste contexto, os estoques finais brasileiros, em 2020, subiriam para 10,4 milhões de toneladas, contra os 9,1 milhões em 2019, desde que as exportações, no corrente ano, atinjam a 30 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado) Com isso, a safra deste novo ano será, se confirmada, a terceira maior da história do país, mesmo com as dificuldades climáticas existentes. Isso, a partir da colheita da safrinha no final de junho, tende a puxar para baixo os preços do cereal no país, especialmente se o câmbio ceder (projeções do setor financeiro brasileiro dão conta de que 2020 deverá fechar com um câmbio ao redor de R\$ 4,60, contra os atuais R\$ 5,24 por dólar, ou seja, uma revalorização do Real de 12,2% no período).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente recuaram durante a semana. O fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 5,29/bushel, contra US\$ 5,56 uma semana antes.

O mercado, no início da semana, até ensaiou uma recuperação, graças a boa demanda pelo produto dos EUA, porém, a mesma não se sustentou, na medida em que os indicadores econômicos mundiais continuam péssimos diante da pandemia da Covid-19. Afora isso, há uma grande oferta de trigo no mundo, com estoques mundiais importantes.

Neste contexto, as inspeções de exportação estadunidenses de trigo atingiram a 608.709 toneladas na semana encerrada em 09/04, ficando largamente acima das 400.000 toneladas esperadas pelo mercado. Mas isso não foi suficiente para sustentar as cotações, diante da clara tendência de recessão econômica mundial para 2020 devido a pandemia. O FMI apontou em relatório que a economia mundial sofrerá o maior recuo desde o crash de 1929. Diante disso o dólar sobe de preço por ser um valor refúgio à crise, tirando competitividade do trigo estadunidense na exportação. Ainda houve notícias de melhoria nas condições das lavouras semeadas na região do Mar Negro, enquanto os preços do petróleo no mercado mundial voltaram a cair.

Enfim, as condições das lavouras de trigo de inverno nos EUA, no dia 12/04, continuavam positivas, com 62% entre boas a excelentes, 29% regulares e 9% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera atingia a 2% da área naquela data, contra 9% na média histórica.

Dito isso, na Argentina o valor FOB oficial da tonelada de trigo, para abril, se manteve em US\$ 245,00. No câmbio atual no Brasil esta tonelada chega aos moinhos paulistas valendo R\$ 1.405,00, enquanto em Curitiba ela chega em R\$ 1.310,00. Portanto, ainda há espaço para novas altas nos preços do trigo brasileiro de qualidade superior. Para novembro, a tonelada do cereal na Argentina subiu para US\$ 211,00. (cf. Safras & Mercado)

E no mercado brasileiro, os preços mantiveram o viés de alta. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 46,03/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 60,00/saco. No Paraná o balcão girou entre R\$ 56,00 e R\$ 63,00, enquanto os lotes se mantiveram entre R\$ 69,00 e R\$ 72,00/saco. Já em Santa Catarina o balcão atingiu entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, se fixaram em R\$ 63,00/saco.

A semana iniciou com o mercado nacional diante de baixa liquidez, com ofertas muito raras e a indústria ainda bem abastecida, não desejando pagar os novos preços do cereal. Com o câmbio voltando a superar a casa dos R\$ 5,20 durante a semana, as importações ficaram mais caras, mantendo em alta os preços internos do cereal. Este mercado dificilmente irá mudar de tendência até a proximidade da colheita nova, em setembro. Além disso, será preciso esperar que, neste ano, o clima colabore com a safra.

Vale ainda destacar que, diante destes preços, e da forte frustração na safra de verão do Rio Grande do Sul, haja um aumento na área a ser semeada com trigo neste ano, especialmente no Estado gaúcho. Os produtores locais tentarão recuperar em parte as perdas ocorridas na soja e no milho. O problema está no alto custo de produção, diante da forte desvalorização do Real nestes últimos dois meses.

Joga ainda em favor dos preços do trigo a pouca oferta do cereal no âmbito do Mercosul, enquanto a demanda pelos moinhos brasileiros tende a aumentar logo adiante.

Em síntese, o viés de alta nos preços internos do trigo se mantém, com o mercado dependendo da importação, a qual aumenta de custo devido ao câmbio, fato que tende a estimular o plantio do cereal no Brasil. A partir daí, o clima poderá ditar a tendência

dos preços até setembro, juntamente com o comportamento cambial. E, em tempos de coronavírus, quando ninguém sabe quanto tempo esta pandemia irá durar, a volatilidade deste, e de outros mercados, continuará potencialmente intensa.